

OFICINA DE DANÇA AFRO: UMA POSSIBILIDADE DE TRABALHO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS E RACIAIS

Tairine Cristina Santana de Souza³
Caliane Costa dos Santos Conceição⁴

RESUMO

Este artigo constitui-se num relato de experiência de oficinas pedagógicas de Dança Afro realizada em escolas, eventos acadêmicos e comunidades negras, tendo em vista a relevância e necessidade de conhecermos a cultura afro brasileira e suas contribuições no cenário nacional. Bem como, valorizar a (o) negra (o) numa perspectiva de aceitação e auto afirmação de seu corpo e história. Para tanto, propomos um olhar histórico para a dança afro na Bahia, assim como uma análise do bloco afro Ilê Aiyê de Salvador - BA. Com a finalidade de promover reflexões sobre a cultura africana e afro-brasileira por meio da dança, a oficina é organizada de modo teórico e prático. As oficinas pedagógicas se constituem em uma metodologia que possibilita a exploração de diversos aspectos do processo de ensino e aprendizagem. Elas se constituem numa metodologia que possibilita a interação e a produção de conhecimentos por meio do diálogo, dúvidas e inquietações. Este pressuposto torna-se importante na medida em que o ser humano tem a necessidade de construir espaços de sociabilidade em que se faz e refaz, tendo em vista sua incompletude.

Palavras-chave: Dança-afro; Oficina; Cultura afro.

ABSTRACT

This article is a case report of experience of pedagogical workshops of Afro Dance performed in schools, academic events and black communities, in view of the importance and need to know the afro Brazilian and his contributions on the national scene. As well as value (o) (o) in a self-affirmation and acceptance of her body and history. To this end, we propose a historical look to afro dance in Bahia, as well as an analysis of the block afro IlêAiyê Salvador-BA. With the aim of promoting reflection on the African and Afro-Brazilian culture through dance, the workshop is organized in a theoretical and practical way. The pedagogical workshops are a methodology that enables the exploration of various aspects of the teaching and learning process. They constitute a methodology that enables the interaction and the production of knowledge by means of dialogue, questions and concerns. This assumption becomes important to the extent that the human being has

³ Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, no Centro de Formação de Professores. Integrante do grupo Programa de Educação Tutorial - PET Afirmação. E-mail: cristina_tay@hotmail.com.

⁴ Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, no Centro de Formação de Professores. Integrante do Núcleo de Negras e Negros – Irmandade Sankofa. E-mail: caliane_csc@hotmail.com.

the need to construct spaces of sociability in which makes and remakes, with a view to its incompleteness.

Keywords: Dance-afro; Workshop; Afro.

Para início de conversa

Este artigo constitui-se num relato de experiência de oficinas pedagógicas de Dança Afro realizada em escola, eventos acadêmicos e comunidades periféricas, tendo em vista sempre a relevância e necessidade de conhecermos a cultura afro brasileira e suas contribuições no cenário nacional. Bem como, valorizar a (o) negra (o) numa perspectiva de aceitação e auto afirmação de seu corpo e história, para tanto, buscamos propor um olhar histórico para a dança afro na Bahia, assim como uma análise do bloco afro Ilê Aiyê de Salvador - BA.

Refletir sobre a temática étnica e racial numa perspectiva da afirmação e valorização da identidade negra é de suma importância para que as (os) negras reconstruam suas identidades de maneira afrocentrada. É neste sentido que o Núcleo de Negras e Negros – Irmandade Sankofa⁵ desenvolve ações dentro e fora do âmbito acadêmico no Recôncavo da Bahia, sobretudo na cidade de Amargosa. Estas atividades têm caráter de militância racial que contribuem para a valorização, afirmação, identidade, intelectualidade e consciência da negra e do negro, partindo da ancestralidade, no resgate da história, bem como do reconhecimento da cultura africana e afrobrasileira.

A pesquisadora Nascimento (1994, p. 33) conceitua o Afrocentrismo como:

[...] construção de uma perspectiva africana, síntese dos sistemas ontológicos e epistemológicos de diversos grupos. Seu objetivo é articular os elementos comuns a esses povos, baseando-se na unidade cultural fundamentada nas suas civilizações clássicas: a egípcia, núbica e Kushita. [...] Trata-se de uma concepção pluralista que valoriza a visão do mundo própria a cada povo, rejeitando apenas a universalização forçada de modelos específicos, como o europeu. (NASCIMENTO, 1994, p. 33)

⁵ O Núcleo de Negras e Negros - Irmandade Sankofa, tem o objetivo de refletir e atuar dentro e fora do âmbito acadêmico, com ações voltadas para o estudo e militância afrocentrada. O núcleo buscará contribuir com a valorização, afirmação, identidade, intelectualidade e consciência da negra e do negro, partindo da ancestralidade, no resgate da história, bem como do reconhecimento da cultura africana e afrobrasileira.

A perspectiva afrocentrada consiste em construir perspectivas de conhecimento sobre as culturas e povos que historicamente foram negados, ou pode-se dizer escravizados. É importante ressaltar que o Afrocentrismo não é uma sobreposição forçada cultural e ideológica para com as sociedades, assim pode-se afirmar que não é uma perspectiva etnocêntrica.

Salientamos a importância da auto aceitação e valorização dos traços negros no sentido estético, pois, acreditamos que é um dos elementos importantes na construção da identidade negra. Neste sentido, a identidade negra não se limita apenas as questões físicas (cabelo, cor de pele, traços e etc.), mais são elementos importantes na valorização e afirmação de nossa ancestralidade. O tornar-se Negra (o) é construído por muitos conflitos, já que a mídia, a escola, a igreja e a sociedade, na maioria das vezes, tendem a negar nossas raízes, e para isto, é necessário o conhecimento da história dos povos negros escravizados e ter a sensibilidade que ainda sofremos marcas deste período histórico de crueldade/ desumanidade cujo nossos ancestrais passaram.

Recorrer ao passado faz-se necessário para compreendermos o presente. É nesta perspectiva, que nós realizamos a oficina de Dança Afro-Brasileira, por meio do resgate da história da dança afro na Bahia e como esta “viagem” ao passado pode contribuir na compreensão do presente numa perspectiva afrocentrada, deste modo ocorre o processo que denominamos de negralização.

Um pouco da história da dança afro na Bahia

A dança afro surge na cidade de Salvador – BA na década de 70, por meio do trabalho do professor Raimundo Bispo dos Santos, mais conhecido como Mestre King. Raimundo nasceu na cidade de Santa Inês, mas morava com sua família em Santo Antônio de Jesus no interior da Bahia, no qual foi adotado por uma família de árabes – que obtinham poder aquisitivo – e moravam na cidade de Salvador, especificamente no bairro do Pelourinho.

Raimundo foi adotado aos sete anos de idade, seu pai adotivo era comerciante e a mãe dona de casa. Apesar de morar no Pelourinho (também conhecido como Pelô), ele não teve contato com as manifestações culturais e artísticas da cultura afro-brasileira e africana e seus pais não costumavam deixá-lo brincar com as crianças vizinhas. Após ter concluído os estudos básicos, Raimundo passa a fazer parte do Coral do Mosteiro de São Bento em Salvador, onde ele conhece o amigo Expedito que o leva a frequentar as rodas

de capoeira onde recebeu o nome de Mestre King. Além de cantar, trabalhar e dançar, King estava se envolvendo cada vez mais com a cultura africana e afro-brasileira.

Através de seus dotes na capoeira, Raimundo conheceu a professora Emília Biancardi, folclorista e musicóloga, que lhe ensinou a cantar maculelê e lhe apresentou conteúdos folclóricos como o samba de roda e a puxada de rede, e o candomblé. Ele conta que ela viajava para fazer pesquisas na área de dança e que ele sempre acompanhava nas suas empreitadas. Assim, além de jogar capoeira e cantar no coral, King também cantava em companhias de dança e música. (OLIVEIRA, 2008, p. 06).

Neste período King começa a fazer parte de um grupo de dança e é convidado para se apresentar em países no exterior, porém King queria fazer vestibular para Licenciatura em Dança que era no mesmo período da viagem. Ele então decide fazer o vestibular e desiste da viagem com a companhia de dança, ao passar no vestibular, King é o primeiro homem – é importante dizer que ele é negro também – a fazer Dança na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Sua família adotiva o apoiava muito nas suas escolhas, apesar de ter sofrido preconceito por parte de algumas pessoas pelo fato de ter se interessado pela Dança.

[..] em 72 que eu passei no vestibular e aí descobri a minha identidade. Naquela época ninguém falava em cidadania, agora hoje é uma praga, tudo é cidadania. Eu resolvi mergulhar na minha origem, apesar de ser criado em uma família de árabes legítimos. (OLIVEIRA, 2008, p.07)

Após seu ingresso, King sentia-se intrigado com umas das disciplinas que cursava, era a disciplina de Estética. Ele passou a questionar então o que seria o belo? O que seria a estética? Como poderíamos chamar aqueles movimentos que não se encaixariam na estética?

Neste contexto, King se aprofunda nas pesquisas sobre os Orixás e seus movimentos, que o mesmo tinha aprendido com as aulas de capoeira. É por meio de seu contato com o Candomblé que King passa a se envolver e afirmar sua ancestralidade africana e afro-brasileira, é por meio deste contato com a capoeira e o candomblé que se inicia o contato com a negritude.

É a partir da fusão dos movimentos da dança dos orixás com os movimentos da dança clássica que nasce a dança afro na Bahia, na década de 70. Pode-se dizer que mesmo

que a dança dos orixás não exigindo que os movimentos fossem milimetricamente calculados, é necessário muita disciplina, conexão, envolvimento e espiritualidade. A dança afro se configura na valorização da cultura africana e afro brasileira, bem como na construção da percepção da dança por meio da ancestralidade, a dança afro permite este envolvimento e olhar sobre os (as) ancestrais.

Neste sentido, a dança afro tem forte envolvimento com a aceitação de si, respeito, força, intensidade, ancestralidade e negritude, por meio da dança o corpo expressa os mais diversos sentimentos, experimenta uma diversidade de sensações. Segundo King a dança afro era um encontro consigo mesmo, as sensações que ele sentia eram de arrepios, empolgação... Como o mesmo afirmava “*é uma dança dentro de um contexto dos meus ancestrais, que vem do chão e arrepia tudo*” (OLIVEIRA, 2008, p.12).

Um pouco da história do Ilê Aiyê

O bloco afro Ilê Aiyê surgiu na década de 70 do século XIX, no bairro da Liberdade em Salvador - Bahia, a partir do terreiro de candomblé Ilê Axé Jitolu, no qual Mãe Hilda Jitolu era Yalorixá. A permissão para a criação do bloco foi concedida pela Yalorixá, por perceber a necessidade de um espaço de resistência no bairro bem como na cidade, em que negras e negros pudessem celebrar sua cultura ancestral, na perspectiva de afirmação da identidade negra. Tal iniciativa foi de suma importância, pois Salvador é uma cidade que possui um contingente significativo de negras e negros (51,7%, IBGE 2010) e até aquele período haviam poucos espaços que apresentassem e representassem a cultura africana e afro-brasileira em uma perspectiva positiva.

O Ilê Aiyê surge em um contexto social em que diversos grupos, sobretudo nos Estados Unidos, lutavam pelo fim da opressão e favor da liberdade cultural africana, a saber: *movimento Black power, soul music, panteras negras*. Estes movimentos influenciaram significativamente a criação do Ilê Aiyê como aponta Moreira (2013, p.36),

Afirmo ter sido marcante a influência do processo emancipatório da negritude norte-americana nas maneiras de manifestações do Ilê Aiyê, pois a época denotava sentimento mundializado a partir dos *Black Power* americanos e dos *Panteras Negras*, movimentos que marcaram a luta dos negros estadunidenses, clamando por liberdade e fim da opressão política e cultural. (MOREIRA, 2013, p.36)

Assim, o bloco se apresenta desde sua origem com uma conotação política de valorização da identidade negra, inicialmente em Salvador e buscando através do desfile carnavalesco mostrar a cultura africana e afro-brasileira até então negligenciada pela maioria dos blocos. O Ilê Aiyê foi o segundo bloco afro a surgir na Bahia, antes dele havia apenas o *Filhos de Ghandi*.

O bloco surge mais especificamente em 01 de novembro de 1974, a partir da iniciativa de alguns jovens e com a liberação do espaço pela Yalorixá Mãe Hilda Jitolu, o grupo de jovens denominado *Zorra Produções* “[...] grupo, nascido num terreiro⁶ de Candomblé, se transformou no hoje conhecido Ilê Aiyê.” (FREITAS, 1996. p, 30, apud, PERIN, 2006, P.74). Na vanguarda da criação do Ilê Aiyê estava também o filho mais velho de Mãe Hilda, hoje, coordenador da associação Antônio Carlos dos Santos - o Vovô, referência da associação.

Ilê Aiyê significa em dialeto africano “O mundo ou A Terra da Vida ou ainda Festa do ano-novo, referência à festa profano-religiosa que os negros sudaneses realizavam na Bahia” (Instituto Cravo Albin, 2005), adaptado pelo grupo do Ilê Aiyê de “Mundo Negro - Senzala do Barro Preto”. No seu primeiro desfile o bloco apresenta a música “Que bloco é esse”, e por meio da afirmação de que “é mundo negro que querem mostrar nas ruas da cidade” é que iniciam os desfiles carnavalescos. Neste primeiro desfile o bloco não apresentou um tema específico, algo que começou a ser concretizado a partir do segundo ano.

Os temas dos desfiles do Ilê Aiyê tratavam sempre de apresentar algo relativo a cultura africana, seja os países ou suas lutas históricas, como por exemplo, Watusi (1976), Congo (1978), Rwanda e Mali (1979), Zimbabwe (1981), Ghana (1983), Daomé (1985), Nigéria (1987), Palmares (1989), além de temas que refletem a importância dos africanos na cultura brasileira. Moreira (2013) afirma que, “o Ilê ficou estigmatizado como movimento contra-hegemônico de cunho racista por expressar em seus cânticos e vestimentas produções e estéticas associadas à valorização africana e orgulho de raça”.

A partir disso, será que ao negligenciar a cultura dos povos africanos que tiveram participação importante na formação da cultura brasileira e ao invisibilizar o negro nos blocos carnavalescos da Bahia, estes também não estariam sendo racistas? “Os objetivos do Ilê Aiyê são bem definidos desde a sua origem. Seus objetivos básicos são resgatar e

⁶ O terreiro de candomblé a que o texto se refere é o Ilê Axé Jitolu.

expandir a cultura de origem africana no Brasil, partir de diversas contribuições culturais e referenciais políticos” (ILÊ AIYÊ – PEP, 1996, p.05).

O Ilê Aiyê ao trazer a cultura africana e afro-brasileira, o faz numa perspectiva política de valorização do ser, do corpo negro - o princípio da autoestima - que no contexto social da Bahia em que surgiu era algo extremamente “ousado”, mesmo tendo o percentual de 51% da população negra, tornando se algo necessário. Sobretudo porque nasce em um solo que já foi palco de um quilombo e de lutas pela independência da Bahia, a Liberdade, o bairro com a população mais negra de Salvador (75%). Este local durante o 2 de julho de 1822, enfrentou tropas portuguesas no processo de lutas que culminaram na independência do Brasil no 7 de setembro do mesmo ano. Sigilão (2009) ao falar sobre a figura do negro nos espaços sociais e festivos de Salvador, aponta sobre a importância dos blocos afro como o Ilê Aiyê, afirmando que

[...] a música desses grupos, principalmente sua parte percussiva, assim como adereços, gestos, danças, roupas, penteados e linguajar, torna-se importante no movimento de reafricanização dos anos 70 por ser um símbolo de identificação com a “Mãe África. (SIGILÃO, 2009, p.186)

Nesse sentido que o Ilê Aiyê vem ao longo dos seus 40 anos de existência desenvolvendo ações sociais e culturais em Salvador, principalmente, nos bairros periféricos. Enquanto ações sociais podemos elencar: *Novembro Azeviche; Escola Mãe Hilda; Band' erê e a Escola Profissionalizante do Ilê Aiyê*, já as ações culturais são: *Noite da beleza Negra; Ensaios do Ilê; Cortejos da Negritude; Semana da Mãe Preta*. Há ainda o Projeto de extensão Pedagógica criado em 1995 que segundo Perin (2007, p.3) “tem como um dos objetivos construir uma pedagogia que resgate as raízes culturais africana e sua influência no Brasil, a partir de uma sociedade onde exista respeito mútuo entre os indivíduos”. Hoje, a associação pode ser considerada como patrimônio cultural da Bahia, além de ser reconhecido nacional e internacionalmente pelas ações que vem desenvolvendo no estado supracitado.

Contudo, o Ilê Aiyê tem encontrado algumas dificuldades para que suas ações alcancem um público maior na sociedade, principalmente porque busca difundir uma cultura contra hegemônica. Amélia Conrado do núcleo de dança e educação da Associação Cultural Bloco Ilê Aiyê em entrevista a Prof. Anália Moreira afirma, [...] então a grande dificuldade é a seguinte: os veículos de comunicação não estão em nossas

mãos, então para que esse discurso do Ilê chegue com ênfase na sociedade é muito difícil. (MOREIRA, p.6, 2013)

O fato da mídia não divulgar as músicas produzidas pelo Ilê Aiyê, bem como suas outras ações dificulta a propagação das mesmas na sociedade, ainda que sejam de suma importância para o fortalecimento da cultura africana e identidade negra na Bahia. Nesse sentido, cabe refletirmos sobre quem está atualmente no domínio das mídias baiana, qual a cor dessas pessoas? Este é um aspecto relevante para pensarmos a invisibilidade/negação da cultura afro-brasileira e africana e consequente enfraquecimento da identidade e autoestima das negras e negros que não se reconhecem representados por esses veículos da informação.

Metodologia da oficina de dança afro: escurecendo a discussão

Com a finalidade de promover reflexões sobre a cultura africana e afro-brasileira por meio da dança, a oficina é organizada de modo teórico e prático. As oficinas pedagógicas se constituem em uma metodologia que possibilita a exploração de diversos aspectos do processo de ensino e aprendizagem, como apontam Paviani e Fontana (2009) “a oficina é uma forma de construir conhecimento, com ênfase na ação, sem perder de vista, porém, a base teórica” (PAVIANI e FONTANA, 2009, p. 78), a integração (teoria-prática) viabilizada por esta metodologia favorece a construção coletiva do conhecimento, uma vez que é no diálogo entre os sujeitos, e a partir dos seus conhecimentos prévios que se constrói novos saberes.

No primeiro momento da oficina para além da interação inicial, optamos por fazer um recorte histórico sobre a dança afro na Bahia, com uma discussão voltada para a identidade negra⁷, especificamente voltado para o trabalho que o segundo bloco afro da Bahia, Ilê Aiyê, vem desenvolvendo ao longo dos anos desde sua fundação.

Acreditamos na importância de fazer o resgate histórico, já que para compreendermos o presente necessitamos de nossa história, nesse sentido o Núcleo de Negras e Negros – Irmandade Sankofa busca sempre ressignificar o passado, bem como e trazer para o presente negros e negras que foram invisibilizado pela academia, por meio de uma ideologia eurocêntrica de conhecer a história.

⁷O termo identidade negra é utilizado enquanto categoria política da questão racial.

Dessa forma, a parte mais teórica da oficina além do recorte histórico também se caracteriza pela discussão que se apresenta na sequência; um outro momento da oficina é quando os ouvintes passam a ser participantes da oficina, são feitas diversas perguntas para o público no qual a questão racial, como por exemplo, a aceitação do corpo negro se torna o tema central do debate. Algumas questões como:

1. O que é identidade?
2. O que é identidade negra?
3. Qual cor você se auto declara?
4. O que é ser negro? Pardo? Mulato? Moreno?
5. Ser negro é o mesmo que ser preto?
6. Existe cabelo duro ou ruim?
7. Cabelo é questão de identidade?
8. Qual parte do seu corpo você não gosta e o que mudaria nele?
9. O que é racismo?
10. Existe racismo contra o branco/ racismo reverso?

Na medida em que as pessoas vão se envolvendo com a discussão, novos questionamentos costumam surgir. Por isso, o planejamento realizado para a oficina não pode ser engessado, mas deve permitir que os participantes a direcionem de acordo as necessidades do momento. Neste sentido, “O planejamento prévio caracteriza-se por ser flexível, ajustando-se às situações-problema apresentadas pelos participantes, a partir de seus contextos reais de trabalho” (PAVIANI e FONTANA, 2009, p. 79).

Nessa perspectiva, a mediação é um fator crucial para que a oficina contemple diversos aspectos teóricos, práticos e metodológicos. A (o) mediadora (mediador) não deve se posicionar enquanto detentor do conhecimento, mas como um sujeito capaz de possibilitar situações para que sejam construídos novos conhecimentos. Assim, as oficinas se constituem em um momento de formação não só para (as) os participantes, mas também para (as) os professores (as), como salientam Moita e Andrade (2015).

As oficinas pedagógicas servem de meio tanto para a formação contínua do(a) educador(a) escolar quanto para a construção criativa e coletiva do conhecimento por alunos e alunas, professores e professoras que trabalham na escola pública (MOITA e ANDRADE 2015, p.1)

Outro momento importante da oficina é a prática, alguns passos básicos do Ilê Aiyê são ensinados aos participantes, pois compreendemos que a oficina pedagógica “atende, basicamente, a duas finalidades: (a) articulação de conceitos, pressupostos e

noções com ações concretas, vivenciadas pelo participante ou aprendiz” (PAVIANI e FONTANA, 2009, p. 78).

A este momento, a mediadora Shirlen dos Santos Souza⁸, que já participou de uma formação com dançarinas do bloco afro, busca envolver na prática o campo teórico para que não ocorra uma ruptura de ambos, frisamos aqui, que a parte prática da oficina é mediada por Shirlen, enquanto a prática por nós. A ação estética realizada constitui-se em si, não dança pela dança, é um movimento político de afirmação, de negralização e valorização de nossa história e cultura. Por isso, a dança afro configura-se como um movimento de resistência, de ancestralidade que liga passado e presente numa intencionalidade de mudar nosso futuro, de tornar o futuro tempo em que as negras e negros se valorizem mais, se tornem cada vez mais negras e negros. Negralizar é preciso, é fundamental, é a base para resistir ao não - ser, ao não - lugar.

O Vir a Ser de uma Conclusão

Em suma, as oficinas de Dança Afro têm apresentado resultados satisfatórios no que diz respeito as reflexões acerca da aceitação, afirmação e valorização da negra e do negro, pois ao fazer um resgate histórico trazemos elementos que contribuem para a percepção de si e do outro enquanto sujeitos, que são produtores e “produtos” das relações históricas e sociais. Perceber a inferiorização e negação sofridas pelo povos africanos e afro-brasileiros é o primeiro passo em direção à superação destas situações.

As oficinas pedagógicas se constituem numa metodologia que possibilita a interação e a produção de conhecimentos por meio do diálogo, dúvidas e inquietações. Este pressuposto torna-se importante na medida em que o ser humano tem a necessidade de construir espaços de sociabilidade em que se faz e refaz, tendo em vista sua incompletude.

Para tanto, a construção de práticas como estas se faz necessária no contexto brasileiro, em que a cultura africana e afro-brasileira é invisibilizada nos espaços formais, não formais e informais em que os sujeitos transitam cotidianamente. É nessa perspectiva, que o Núcleo Irmandade Sankofa vem promovendo ações de valorização, conscientização e reconhecimento da nossa história e da nossa cultura, acreditamos que a educação se constitui enquanto elemento prático com bases teóricas, sem deixar de lado o cunho político-formativo destas ações.

⁸ Graduanda do curso de licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB, no Centro de Formação de Professores. Integrante do Núcleo de Negras e Negros – Irmandade Sankofa.

Destarte, é necessário que a população negra desvele outras perspectivas de pensar a história e a realidade, que estão para além da política do embranqueamento, da supremacia branca, estão para além de um currículo escolar eurocêntrico e discursos engessados de preconceitos que fortalecem cada vez mais o racismo na sociedade.

REFERÊNCIAS

IBGE – Instituto brasileiro de geografia e estatística. **Característica étnico raciais da população de 2010**. Acesso em: 03 de março de 2015. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/>.

Ilê Aiyê. **Site oficial**. Acesso em: 07 de janeiro de 2015 Disponível em: <http://www.ileaiyeoficial.com/>.

MOREIRA, Anália de Jesus. **As concepções de corpo na Associação Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê: um estudo a partir da história do bloco e das práticas pedagógicas das Escolas Banda Erê e Mãe Hilda**. – Salvador, 2013.

_____. Anália de Jesus. **Processo Civilizatório da Cultura Africana e Afrobrasileira e as Concepções de Corpo, Cultura e Educação No Bloco Ilê Aiyê**. Entrevista. Entrelaçando - Revista Eletrônica de Culturas e Educação N. 2, p. 1-16, Ano 2 (Set/2011). ISSN 2179.8443.

PERIN, Rosemary Rufina dos Santos. **Os Cadernos de Educação do Projeto de Extensão Pedagógica Ilê aiyê: Um precursor das Diretrizes Curriculares da Lei 10639**. – Salvador, BA: RRSP, 2007.

SIGILIANO, Cláudia Couto. **Duas tendências de re-africanização: Rio de Janeiro e Salvador**.- Brasília, 2009.

OLIVEIRA, Débora Ferraz de. **A construção da identidade negra através da dança afro brasileira: a história de Mestre King**. Fundação Biblioteca Nacional. Programa Nacional de Apoio à Pesquisa/MinC.2008. Disponível em: <http://bn.br/portal/arquivos/pdf/debora-ferraz.pdf>. Acesso em: 27 de Nov. de 2014.